



Evento: XXIX Seminário de Iniciação Científica.

CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE ABUSO SEXUAL INFANTIL¹

PSYCHOANALYTICAL CONTRIBUTIONS ON CHILD SEXUAL ABUSE

Fernanda da Silva Fernandes², Franciele Rodrigues Cenário³

¹ Pesquisa desenvolvida junto ao Curso de Graduação em Psicologia da Unijuí, no primeiro semestre de 2021.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da Unijuí, fernanda.dsf@sou.unijui.edu.br.

³ Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da Unijuí, franciele.cenario@sou.unijui.edu.br.

RESUMO

A presente pesquisa bibliográfica, qualitativa e de caráter exploratório busca elucidar de maneira descritiva e clara os aspectos pertinentes aos estudos acerca do tema “Abuso sexual infantil” através dos escritos psicanalíticos, abordando as contribuições teóricas e as interpretações possíveis que a psicanálise tem sobre este tema. O estabelecimento do conceito e os desdobramentos traumáticos (ou não) possíveis são pontos a serem discutidos no artigo, tendo como ponto de partida o entendimento da literatura psicanalítica sobre o tema. Por fim, são abordadas as possíveis consequências psicológicas que o abuso pode causar no sujeito abusado.

Palavras-chave: Abuso Sexual. Psicanálise. Trauma.

INTRODUÇÃO

Nos anos 80, juntamente com o debate acerca do feminismo e os direitos da criança e do adolescente, o abuso sexual ganha visibilidade e floresce enquanto tema de discussões e reflexões. Segundo Gauthier & Saucier (1991), o abuso sexual é configurado pela exposição de uma criança à uma estimulação sexual, não referindo restritamente às relações que chegam ao coito, mas também aqueles atos de masturbação, carícias, beijos ou atos exibicionistas. Ou seja, qualquer ato de cunho sexual voltado para aquele sujeito que ainda não tem idade nem maturidade o suficiente para consentir ou não, sequer para conseguir assimilar tal ato, que muitas vezes é percebido pela criança como um ato de violência.

A presente pesquisa tem enquanto objetivo resgatar o conceito de abuso sexual infantil a partir da literatura psicanalítica, abordando o que tal viés teórico contribuiu nos estudos pertinentes a esse tema.

METODOLOGIA



É uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, e de caráter exploratório, na qual o método de pesquisa utilizado foi o levantamento de dados em artigos nas plataformas de pesquisa a fim de proporcionar maior entendimento acerca do tema a ser abordado. Os resultados foram abordados de maneira descritiva, trazendo em seu corpo, o ponto de vista dos autores, baseando-se na literatura psicanalítica e nos escritos feitos sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mees (2001), aborda em seu livro intitulado “Abuso sexual”, que é de acordo com as marcas psíquicas que um evento produz que o traumático - ou não traumático - se estabelecerá. O que quer dizer que qualquer incidente, para o sujeito, pode se tornar traumático, e essa dinâmica acontecerá se a lembrança, psiquicamente, vire uma cena de violação. A autora ainda afirma que um ato violento, no qual se inclui o abuso sexual, desestabiliza o sujeito, podendo-se dizer que a violência enquanto trauma rompe aquilo que organiza o sujeito.

Conforme Freud (1916-17) escreve, o trauma é caracterizado por uma onda de excitação excessiva em relação às condições de tolerância do psiquismo. Ainda faz novas formulações acerca da noção de trauma, o interligando com os conceitos de repetição e angústia. A repetição é a via de tentativa de elaboração do trauma, que pode vir em forma de sonhos, atos e falas, que imergem a fim de possibilitar uma descarga. Já a angústia pode ser compreendida como a tentativa do eu de não mergulhar em uma situação traumática em que não teria recursos para lidar com ela.

“A noção de trauma e a teoria da sedução encontram aí seu sentido: o sujeito foi aprisionado numa experiência real com relação à qual ele não dispunha de significante que permitisse lhe responder, *ab-reagir*, como dizem os Estudos sobre a Histeria, ou seja, transformar esta cena passiva numa cena da qual ele teria participado ativamente. Sem o significante que lhe abre a possibilidade de ação, o sujeito permanece confrontado com uma lacuna” (André, 1987, p. 83)

É possível pensar o abuso sexual como um ato do real que invade o sujeito e por ser traumático não tem chance de se inscrever no psiquismo enquanto marca, considerando que o sujeito não dispunha de artifícios que possibilitariam que o ato se arranjasse enquanto significante em sua cadeia.



Mees (2001) ainda afirma que em determinados casos, mesmo que a cena do abuso tenha se configurado como traumática, psicanaliticamente falando, e sendo inassimilável, pode acontecer um recobrimento simbólico ou imaginário do real que possibilita a saída ao traumático, se retirando por intermédio da significação ou pela ordem da fantasia. Então é possível que o sujeito se constitua mesmo que seja na via da organização da sua vida de fantasias. E ainda destaca que se esse movimento não acontecer, se fixará no sem saída, adoecendo gravemente.

Dolto (1982) afirma que os casos de mulheres que sofreram abuso sexual na infância configuram os mais difíceis de tratar psicanaliticamente, que fica ainda mais demarcado quando é imposto à criança a ordem de silêncio, que “guarde segredo” sobre o que aconteceu, o que acaba tirando a possibilidade de simbolização, pois remove qualquer oportunidade de elaboração por parte do sujeito violado. É possível também afirmar a partir do que escreve a autora que a criança se vê rodeada de adultos abusadores quando em seu seio familiar não tem quem lhe dê suporte afetivo, quando não consegue encontrar alguém em que possa confiar, ainda mais se o abusador for do âmbito intrafamiliar ou se faça parte do círculo de pares de seus pais. Causando na criança, o sentimento de obscuridade, em que ela se vê em uma posição de não saber o que pode vir do Outro. A desconfiança pode ser um sentimento que acompanhará a criança em todas as esferas de seus laços afetivos.

Ao realizar a escuta é necessário considerar a experiência e como isso se coloca para o paciente, a tensão demandada e as intervenções que possibilita com que ocorra uma construção e uma elaboração psíquica. (Azevedo, 2001; Colacique, 2006; Ramires & Froner, 2008).

Segundo Davies & Frawley (1994), considerando os aspectos que tange ao abuso sexual, é notável uma base para possíveis desenvolvimento de personalidade, de ansiedade, dificuldades relacionais ou depressão. Guiter (2000) faz o destaque que vítimas referentes a experiências incestuosas, tem de lidar com sentimento de onipotência e ao mesmo se presentifica sentimentos de ódio, raiva e também uma ambivalência.

Todos os detalhes da vida cotidiana tornam -se não apenas um sinal do desconforto e do sofrimento, mas também da agressão sexual. A mulher, nesse caso, pode sentir - se violada por um simples, ou agredida por uma vaga alusão. A falta de amor desvenda a ausência



de solução que organiza e dá embasamento ao mundo (isto é as funções paternas. (Pommier, 1992,pg 64).

Desta forma pode ser notado através da escuta o quanto estes episódios de abuso sexual, proporciona um desconforto em um olhar de um desconhecido ou aproximação proporcionando um mal estar, tendo um sentimento de invasão. A psicoterapia é um dos recursos imprescindíveis, onde pode ser reduzido o impacto dessa violência sofrida na infância. Sendo possível a ressignificação deste trauma. (Hohendorff, Habigzang e Koller, 2015).

Sendo possível, de acordo com os escritos das autoras De Almeida-Prado & Féres-Carneiro (2005) que a criança vive o sentimento de perseguição, de uma culpa que é persecutória que fica ainda mais reforçada em situações em que não há um Outro que a proteja, e que em alguns casos ainda descibiliza o relato dela. Tal perseguição se torna um obstáculo que impossibilita uma atitude reparatória, fazendo que a situação do abuso “respingue” e perdure. Além disso, a culpa persecutória pode ocasionar um sentimento de identificação da criança para com o autor do abuso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber o ato de abusar sexualmente de um ser infantil como um ato de perversão, tendo em vista que nesse caso a criança é vista como um mero objeto de prazer. Objetificado e sem desejo então ele é interpretado e sendo esse lugar que ocupa para o autor do ato. A partir do abuso, o trauma pode ou não se estabelecer e tudo dependerá de como o sujeito interpreta o que sofreu, se tiver uma rede de apoio, se tiver alguém em que possa confiar, entre outros fatores subjetivos, sociais e de amparo, mas é inegável que tal experiência deixe marcas no sujeito, que o sentimento de obscuridade de não saber o que pode vir do outro o acompanhe em seu âmbito relacional e afetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

AZEVEDO, E. C. (2001). **Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual.** Psicologia: Ciência e Profissão, 21, 66-77.



COLACIQUE, M. A. M. (2006). **Intervenção psicológica no sofrimento psíquico de criança e adolescente envolvidos com processos em tramitação na justiça**. Tese de doutorado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

DAVIES, J. M., & FRAWLEY, M. G. (1994). **Treating the adult survivor of childhood sexual abuse: a psychoanalytic perspective**. New York: Basic Books.

DE ALMEIDA-PRADO, Maria do Carmo Cintra; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Abuso sexual e traumatismo psíquico. In: **Interações**, vol. X, núm. 20, p. 11-34 Universidade São Marcos São Paulo, Brasil. 2005.

DOLTO, F. **A sexualidade feminina**. São Paulo: Martins Fontes. 1982.

FREUD, Sigmund. Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise. In: FREUD, Sigmund. Ed. **Standard Brasileira Obras Completas**, v.15. 1. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1916-17 – 1976.

GAUTHIER, M, C, & SAUCIER, J, F. Etudé préliminaire de l'abus sexuel précoce. **Revue canadienne de psychiatrie**. 36 (6), 422-427. 1991.

GUITER, J. B. (2000). **Traumas precoces: abuso sexual, daño en la constitución del psiquismo infantil**. Revista de Psicoanálisis, 57, 405-432.

HOHENDORFF, Jean Von; HABIGZANG, Luísa Fernanda; KOLLER, Silva Helena. **Psicoterapia para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual no sistema público: panorama e alternativas de atendimento**. Psicol. Ciênc. Prof., Brasília, v. 35, n. 1, p. 182-198, jan./mar. 2015.

MEES, Lúcia Alves. **Abuso Sexual: trauma infantil e fantasias femininas**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

POMMIER, G. **A ordem sexual: perversão, desejo e gozo**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1992.

RAMIRES, V. R., & FRONER J. P. (2008). **A escuta da criança nas situações de abuso sexual intrafamiliar**. In S. H. V. Cruz (Org.), **A criança fala: A escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez.